

Elaboração de um Dicionário Bilíngüe Tapajúna – Português

Nayara da Silva Camargo
nayssofia@yahoo.com.br
nayssofia@gmail.com

Instituto de Estudos da linguagem (IEL) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Barão Geraldo - Campinas, São Paulo, BrasilCep 13083-970

Abstract: *Tapajuna Language can be considered at an endangered language due to 2 main reasons: (1) the low number of speakers and (2) to the fact that the language is being spoken in a place where there is a major language, which is genetically related to it the goal as this study is to develop a study that will help the description of the language. In order to do this, we elaborated and prepared material containing terms flora and fauna from tapajúna language. The choice of making this type of material turns possible the production of descriptive study on phonetics, phonology, morphology, syntax, semantics, among other aspects.*

Keywords: *tapajúna; dictionary; flora; fauna*

RESUMO: *A língua Tapajúna pode ser considerada uma língua em perigo de extinção devido a dois principais motivos: o baixo número de falantes e a língua está sendo falada em um local onde há uma língua majoritária e a ela geneticamente relacionada. O objetivo do trabalho em questão é realizar estudos para a descrição da língua. Para isso foi iniciada a elaboração de um banco de dados com termos relacionados à fauna e a flora da língua do Tapajúna esse trabalho é importante, pois, além de documentar a língua, possibilita a realização de estudos descritivos sobre fonética, fonologia, morfologia, sintaxe, semânticos, dentre outros aspectos.*

1. Introdução: *línguas indígenas; tapajúna; dicionário; fauna; flora*

Os tapajúna-goronã habitam a aldeia Metyktyre (situada ao Norte do Estado do Mato Grosso), juntamente com os Mebengôkrê (mais conhecidos como Kayapó), em uma região fronteira com o Estado do Pará.

A língua tapajúna-goronã é classificada como pertencente à família Jê, a qual faz parte do agrupamento lingüístico Macro-Jê e, atualmente, é falada apenas na aldeia dos Metyktyre pelos índios tapajúna que são, aproximadamente, apenas quarenta falantes¹. A língua se encontra em uma situação de atrito lingüístico, ou seja, é falada em um espaço onde já existe uma língua majoritária, o mebengôkrê (kayapó), como essas são línguas geneticamente assemelhadas e estruturalmente parecidas (pois fazem parte da mesma família lingüística), o mebengôkrê influencia, diretamente, os falantes da língua tapajúna, esses, por sua vez, ou sabem falar as duas línguas ou compreendem o mebengôkrê. Além disso, observa-se também a presença da língua portuguesa, pois os professores indígenas saem para estudar fora e têm o contato direto com um ambiente em que prioritariamente é falada a nossa língua materna. Por estes motivos a língua

tapajúna é uma das línguas indígenas da Amazônia que se encontra em perigo de extinção.

Existem alguns estudos esparsos sobre o tapajúna-goronã como o de Santos (1994), em que se verifica um breve estudo da fonologia da língua e o de Seki (1988), que apresenta um estudo diacrônico comparando dados da língua tapajúna com dados do suyá aos do Proto Jê, reconstruídos por Davis (1966). Além de relatos históricos realizados por missionários em meados de 1967. Outros estudos existentes são: o artigo de PEREIRA, publicado na revista de antropologia entre 1967 e 1968, estudos realizados por BOSSI (1863) que dizem respeito às tribos que se encontram no Mato Grosso, SEGER (1980) realizou estudos sobre as sociedades tribais brasileiras, entre outros estudos de cunho antropológico.

2. Corpus e metodologia utilizada para a confecção do dicionário:

O conjunto de dados de que disponho, foram coletados por FERREIRA² em momentos distintos de seu trabalho de pesquisa de campo com falantes da língua tapajúna-goronã. Tive a oportunidade de participar da sua última viagem a campo em julho de 2005, a qual foi importante para o andamento da pesquisa com a língua. Além dos dados coletados pela orientadora do projeto fiz pesquisas bibliográficas sobre teorias básicas de lingüística, assuntos referentes ao estudo do léxico de línguas naturais, estudos sobre a estruturação de dicionários, estudos realizados sobre a montagem de banco de dados, entre outros.

A metodologia utilizada na elaboração do dicionário inicia com aquela utilizada nos trabalhos de descrição lingüística: (i) a pesquisa de campo, que inclui viagens ao local onde a língua é falada, momento em que se realiza a coleta de dados, base para o trabalho; (ii) a análise do material obtido nessa coleta – sua organização e comparação com outras línguas do tronco, utilizando-se os trabalhos existentes como os de Santos (1994), Seki (1988), os dados de FERREIRA (2003-2005). Após este momento iniciou-se a inserção do material já transcrito e analisado no programa computacional Toolbox, o qual é, atualmente, utilizado por vários lingüistas para a organização dos dados de sua pesquisa.

3. Considerações sobre lexicologia e lexicografia

No que tange a conceitualização da lexicologia e da lexicografia, vê-se o confronto de alguns lingüistas ao tentar definir as mesmas. Em sua tese Ferreira³ (2005) cita as afirmações de Zgusta (1971), nas quais o autor afirma que a lexicografia é uma esfera muito difícil da atividade lingüística, pois, além da estrutura da língua o lexicógrafo deve considerar a cultura da respectiva comunidade lingüística em todos os seus aspectos, Ferreira (2005) afirma que dessa forma a lexicografia é conectada a todas as disciplinas que estudam o sistema lexical como, por exemplo, a semântica e a lexicologia.

De acordo com Dapena⁴ (2002) alguns estudiosos afirmam que a lexicologia e a lexicografia são como as “faces de uma moeda”, nas quais suas diferenças corresponderiam às suas extensões e a uma diversidade de pontos de vista. Porém, outros afirmam que a Lexicologia e a Lexicografia utilizam-se de objetos completamente distintos.

Ao relacionarmos essas duas disciplinas tomaremos como base a definição de Dapena (2002), que, comparando estas com outros pares de ciências, como por exemplo, a Geografia-Geologia, Cosmografia-Cosmologia, Etnografia- Etnologia, etc, afirma que elas

aparentam obter a mesma identidade em relação ao seu objeto de estudo. Neste caso a lexicografia viria a ser, literalmente, ‘*a descrição do léxico*’, frente à lexicologia, que, por outro lado, representaria ‘*o tratado do léxico*’. Ambas as disciplinas teriam posse de um objeto comum, o ‘léxico’, porém com enfoques e perspectivas diferenciadas.

Seguindo precisamente esta linha de pensamento, Matoré⁵ (1953) busca a distinção de lexicografia e lexicologia de um ponto de vista analítico para a primeira, frente ao sincretismo da segunda. Para ele, a lexicografia estuda o vocabulário, palavra por palavra, enquanto a lexicologia preocupa-se com os princípios e leis gerais que regem o vocabulário. Sendo assim, a lexicografia tem um caráter concreto e particular, ao passo que a lexicologia é responsável por um caráter abstrato e geral. Ambas estudam o léxico, porém em níveis diferentes.

De acordo com R. Werner (*apud*, DAPENA 2002), a lexicografia, juntamente, com a lexicologia serão descrições do léxico de um sistema lingüístico individual ou coletivo, porém, a primeira se ocuparia das unidades lexicais individuais ou concretas, isto é, sem fazer referência ao paradigma do qual elas fazem parte. Enquanto, a lexicologia estudaria as regularidades formais referentes ao significante e ao significado, constando de parte claramente diferenciadas: morfologia léxica e a semântica léxica, as quais fazem parte deste plano.

Ainda seguindo a esta mesma idéia temos os lingüistas, A. Mel’cûuk, A. Clas e A. Polguère⁶, os quais defendem a hipótese de que a lexicologia e a lexicografia estão no mesmo patamar que a física e a engenharia, pois, caracterizam-se, por apresentarem um conhecimento científico frente à aplicação do mesmo, articulando-se cada uma em seu espaço e em seu momento de aplicação de seus objetivos, tendo na lexicologia sua base teórica e na lexicografia sua parte prática ou experimental. Com este pensamento, o resultado da lexicologia seria um dicionário de ‘caráter abstrato’, ideal, ao passo que o dicionário de cunho lexicográfico corresponderia a uma ‘obra concreta tradicional’⁷.

Com isso, podemos afirmar que para estes últimos estudiosos a lexicografia, igualmente à antiga gramática, viria a ser a “arte”, frente à lexicologia, que de acordo com a gramática moderna, representaria uma autêntica disciplina científica.

Levarei em consideração a idéia de que a lexicologia seria a disciplina responsável pelo estudo do léxico de uma maneira geral e abstrata, uma autêntica disciplina científica, enquanto a lexicografia seria a disciplina responsável pela confecção de dicionários, a qual se preocupa com estudo lexical mais particular e concreto, e com a arte de confecção dos mesmos.

4. Tipologias e classificações dos dicionários

De acordo com Landau (*apud* Ferreira 2005), os dicionários são diferenciados por três categorias: variedades, perspectivas e apresentação. Ela afirma que a variedade de um dicionário seria o ‘tamanho’ e o escopo de tal obra (trata-se de cobrir ou não todo o léxico da língua). A categoria variedade é chamada pelo autor de “qualidade da densidade”. Quando temos um dicionário que abrange todo o léxico de uma língua se torna dificultoso saber sua variedade, já que é impossível conhecer sua extensão total. Porém, quando temos um léxico limitado a um trabalho específico, de parte do léxico da língua, como o dicionário da fauna e flora da língua tapajúna, por exemplo, se torna mais fácil estabelecer sua variedade.

Um outro aspecto da variedade é o número de línguas envolvidas no trabalho lexicográfico: o dicionário pode ser monolíngüe, bilíngüe, trlíngüe ou multilíngüe (os dicionários que compreendem mais de duas línguas são também denominados de plurilíngües). Um outro aspecto da variedade é sua extensão na concentração nos dados

lexicais, ou seja, se ele tem caráter enciclopédico. Como os dicionários indígenas carregam muitas informações em torno de um lexema este pode apresentar características de obras enciclopédicas.

A ‘perspectiva’ refere-se a como o lexicógrafo visualiza seu trabalho, se ele é diacrônico ou sincrônico; como ele organiza sua obra: se a mesma for organizada em ordem alfabética, por sons, ou por conceitos; se o nível é de tom destacado, de uma obra didática ou informal.

A ‘apresentação’ refere-se ao modo como o material de uma dada perspectiva é apresentado, como são suas definições. Um exemplo que Ferreira cita é o dicionário monolíngüe o qual tende a ter uma definição mais ampla do que o bilíngüe. É neste momento também que se verifica como a obra será apresentada, se haverá ilustrações na mesma, etc. Um exemplo: é o dicionário bilíngüe tapajúna-português sobre a fauna e a flora, em que foi propícia a entrada de ilustrações por se tratar o tema de animais e plantas, por este motivo verificou-se a necessidade de se confeccionar um dicionário ilustrado, visto que as ilustrações facilitam o reconhecimento dos dados ali selecionados tornando a pesquisa mais proveitosa para o consultor.

5. Alguns exemplos sobre a compilação do léxico da língua tapajúna-goronã

A macroestrutura corresponde à organização das palavras-entradas no dicionário. Na compilação do dicionário bilíngüe tapajúna-português, apresentamos uma seqüência de entradas que são unidades lexicais organizadas em ordem alfabética, segundo o alfabeto tapajúna, cuja ordem alfabética segue, basicamente, o mesmo padrão do português.

As microestruturas, de acordo com Ferreira (2005), diz respeito às construções internas dos verbetes, neles são compilados o uso das entradas, do ponto de vista gramatical, semântico e pragmático. Os verbetes são constituídos das entradas seguidas de várias informações. As microestruturas dos verbetes no dicionário tapajúna-português estão inseridas em fichas no programa computacional toolbox. Essas fichas correspondem todas as informações que o produtor do dicionário queira expor sobre os verbetes.

O toolbox é um programa computacional que auxilia lingüistas de campo e antropólogos em seus trabalhos de armazenamento de dados. Ele integra vários tipos de dados em seus arquivos além de selecioná-los e organizá-los. O programa trabalha com dados lexicais, culturais, gramaticais, etc. Ele oferece opções flexíveis para selecionar, classificar e indicar esses dados e é especialmente, utilizado, pelos lingüistas, para a construção de dicionários e para interlinearização de textos. Este programa apresenta múltiplas ferramentas em seus arquivos, como por exemplo, uma base de dados para itens lexicais e para a interlinearização dos textos. E, para a maioria dos lingüistas e antropólogos esse instrumento é muito útil em sua pesquisa, pois permite um armazenamento de dados de forma rápida e completa.

A ficha presente no Toolbox é programada de acordo com a necessidade de cada banco de dados são as microestruturas lexicais de todos os verbetes. Estas são, mais claramente, as características ou informações dos itens lexicais inseridos no dicionário. As microestruturas que estão sendo utilizadas na elaboração do banco de dados para o dicionário tapajúna-português serão expostas abaixo.

O dicionário tapajúna apresenta as seguintes microestruturas: Lexema (\lx): é utilizado para nomear a entrada do dicionário a língua vernacular, ou seja, a língua em que está sendo elaborado o dicionário; Homônimo (\hm) utilizado para quantificar o número de palavra que apresentam formas equivalentes, porém com significados diferentes; Forma fonética (\ph) nos informa a transcrição fonética das palavras que consta como entrada do

respectivo dicionário; Glosa (n) (\gn) responsável pela denominação em português (visto que o dicionário é Tapajúna – Português), este marcador ilustrará a “tradução” do item da língua em questão para a língua portuguesa; Referência (\rf): este marcador nos informa a origem do lexema inserido no dicionário, ou seja, o nome do responsável pela coleta da palavra que foi inserida nos arquivos do programa; Morfologia (\mr): responsável pela morfologia do item lexical inserido no banco de dados; Picture (\pc) refere-se às imagens de animais e plantas cujos nomes foram inseridos no banco de dados, já que o dicionário refere-se a fauna e a flora da língua; Nota (\nt): este marcador está à disposição do produtor do banco para que ele possa relatar alguma informação à respeito do item por ele inserido. Por fim temos a Data (\dt) para informar o dia que o lexema foi inserido nos arquivos do programa.

No momento da classificação das microestruturas do dicionário bilíngüe sobre a fauna e a flora tapajúna-português foram observados alguns casos de homonímia e polissemia que merecem destaque neste momento.

De acordo com o dicionário de lingüística⁸, a polissemia é aquele item lexical que possui uma variedade de significações:

*“Termo usado na análise **semântica** para caracterizar um **item lexical** com uma variedade de **significações** diferentes, como *manga* = ‘parte da camisa’, ‘parte de um abajur’(...)”.*

Borba⁹ (2003) afirma que, tendo o signo, a característica de arbitrariedade, a polissemia explicaria a pluralidade de traços sêmicos presente no mesmo. Por esta razão, este signo pode expandir seu significado provocando sua pluralidade de significações. Podemos afirmar também que a polissemia é uma propriedade do item lexical, porém a polissemia é constituída de caráter discursivo, pois, para que a mesma se realize o contexto e a situação em que está inserida terão um papel crucial. Primeiramente, um item que pode ser um bom exemplo deste traço semântico seria em tapajúna a palavra **ngô** [Ngo], a qual originalmente refere-se à água, mas também, em outros contextos, a rio, líquido em geral. Não acontece diferente com os outros exemplos do léxico da língua que estão abaixo:

- (1) **hwi)tôtôk = folha; folha de papel; caderno; dinheiro e cartolina**
- (2) **hwyka = terra; chão; piso e solo.**
- (3) **ika = ‘minha pele’ e ‘minha roupa’**

O conceito de homonímia presente no dicionário de lingüística de Crystal (2000) afirma que a homonímia, de acordo com análises semânticas, indica o signo que possui a mesma forma fonética, porém representa significados distintos¹⁰:

*“Termo usado na análise **semântica** para indicar os **itens lexicais** com a mesma forma nas **significações** diferentes. A **homonímia** é ilustrada pelos muitos significados de **bear**, no inglês (= animal, carregar) ou de **quarto**, no português (local de dormir, numeral ordinal)(..)”.*

A **ambigüidade entre homônimos** citada no dicionário de Crystal (2000) diz respeito ao emprego de palavras dentro de um determinado contexto que possuem a mesma grafia, porém com significados distintos e isso possibilita o entendimento equivocado da situação – a ambigüidade dentro de um contexto – é um bom exemplo deste acontecimento.

A homonímia, para o Borba (2003), assim como a polissemia, também pertence a uma unidade significativa do significante. Por não visar a relação dos itens lexicais com os

campos semânticos semelhantes, esta os distinguiu, denominando cada item de acordo com seu significado, havendo assim, uma grande quantidade de itens lexicais dentro de um mesmo campo semântico, o que dificulta o trabalho do lexicógrafo no momento da confecção do dicionário.

É neste momento que entra em voga a discussão da elaboração do dicionário, pois, agora, é propício analisar o que seria mais prático e econômico para a sua produção. Quando um dicionarista resolve levar em consideração o conceito de homônimos em sua obra, cada novo significado constituirá um novo signo e cada um desses signos deverá constituir uma entrada independente no dicionário. E, conseqüentemente, a busca de acepções não seria horizontal e sim vertical o que prejudicaria a economia na organização da obra. Com isso encontra-se a solução na consideração dos itens lexicais polissêmicos, pois, quando as acepções particulares tiverem um traço semântico em comum, essas são apresentadas em seqüências numeradas dentro de uma mesma entrada no dicionário.

Podemos exemplificar um caso de itens homônimos nos seguintes itens da língua tapajúna¹¹:

(4) **hwàtxi** = tamanduá-bandeira.

(5) **hwàtxi** = rei-congo.

(6) **hwyka-khré** = buraco-da-terra

(7) **hwyka-khré** = cavar

6. Conclusão

O trabalho de elaboração de um banco de dados da língua indígena tapajúna-goronã tem como objetivo principal a descrição e documentação da mesma, visto que ela se encontra em meio das línguas indígenas brasileiras em perigo de extinção, pois, como já foi dito, a língua tapajúna hoje, apresenta apenas cerca de quarenta falantes¹², além de se encontrar em meio ao fenômeno de atrito lingüístico. Por estes motivos, esse trabalho propõe uma continuidade no estudo sobre o léxico da língua tapajúna tendo como a finalidade principal dar continuidade na elaboração do dicionário tapajúna - português. Trabalhos desta ordem levam como principal objetivo a descrição e a documentação da língua, visto que a mesma necessita de estudos mais abrangentes, no que diz respeito à fonética-fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática. A produção deste material poderá também subsidiar estudos histórico-comparativos e, principalmente, auxiliar a comunidade indígena na promoção do uso da língua, já que esta se encontra, atualmente, em situação de risco de extinção.

7. Anexo

ANEXO alguns exemplos dos dados que somam, aproximadamente 350 itens da fauna e da flora presentes no dicionário bilíngüe Tapajúna-Português em seu formato preliminar

A - a

ajaptôtxi₁ [ajaptotʃi] *n.* camarão. *Trichodactylus fluviatilis*. Ref: Ferreira, 2004. 27/Aug/2005.

amdy₁ [amdĩ] *n.* marimondo. Ref: Ferreira, 2004. *Bentuk lain:* **apndy**. 23/Aug/2005.

amdyhô₁ [amdĩho] *n.* marimondo-chapéu; marimondo-vaqueiro. Ref: Ferreira, 2004. *Morf:* **amdĩho**. 17/Oct/2005.

amdytanetxi₁ [amditanetʃi] *n.* marimondo-de-carne. Ref: Ferreira, 2004.

17/Oct/2005.

amdy-wêatêtxi₁ (*dari: amdywqatq̄t̄j̄i*) [amdi we atet̄j̄i] *n.* marimbondo-tatu.
Ref: Ferreira, 2004. *Morf: amdy weatet.* [*Cat:* a casa do marimbondo é igual à casa do tatu] 17/Oct/2005.

amgô₁ [amgo] *n.* lagarto-do-inajá. *Ref:* Ferreira, 2004. 17/Oct/2005.

amnôty₁ [amnoti] *n.* tipo de marimbondo. *Ref:* Ferreira, 2005 17/Oct/2005.

amàrà₁ [amara] *n.* piranha pequena. *Ref:* Ferreira, 2004. *Morf: amara.* 18/Oct/2005.

amtô₁ [amto] *n.* rato. *Rattus norvegicus.* *Ref:* Ferreira, 2004. 23/Aug/2005.

amàtakakôjangôrô₁ [amatakakojangoro] *n.* piranhazinha. *Ref:* Ferreira; 2004. 18/Oct/2005.

amtômy₁ [amtomi] *n.* parece esquilo. *Ref:* Ferreira, 2005 19/Sep/2005.

amâtîrera₁ [amâtîrera] *n.* piranha menor que a pequena. *Ref:* Ferreira, 2004. 18/Oct/2005.

amtôtxi₁ [amtot̄j̄i] *n.* coelho. *Cavea aperea (Erleben).* *Ref:* Ferreira, 2004. 23/Aug/2005.

amàtytxi₁ [amât̄it̄j̄i] piranha-preta. *Serrasalmus rhombeus.* *Ref:* Ferreira, 2004. 05/Oct/2005.

anghrê₁ [ang^hre] *n.* jaratataca (tipo de tatu muito pequeno); tatu bola. *Tolypeutes tricinctus.* *Ref:* Ferreira, 2004. 23/Aug/2005.

anghrô₁ [ang^hro] *n.* porco-queixada. *Tayassu albirostris (Illiger), Tayassu pecari.* *Ref:* Ferreira, 2004. *Morf: ang^hro.* 05/Oct/2005.

athoro₁ [at^horo] *n.* sururina. *Crypturellus soui.* *Ref:* Ferreira, 2004. *Morf: at^horo.* 23/Sep/2005.

D - d

dzujtamytôtjaka₁ [dzujtamitot̄jaka] *n.* asa-de-sabre. *Campylopterus largipennis.* *Ref:* Ferreira, 2005. *Morf: dzujtamitot̄jaka.* 23/Sep/2005.

G - g

gâgârâtxi₁ [gâgârâtxi] *n.* *Ref:* Ferreira, 2005. *Morf: gâgârâtxi.* 18/Oct/2005.

H - h

hôhô₁ [hoho] *n.* coruja-do-campo. *Speotyto cunicularia (Molina).* *Ref:* Ferreira, 2004. 05/Oct/2005.

hôhõ₁ [hõhõ] *n.* socó. *Ref:* Ferreira, 2005 17/Oct/2005.

hotxi₁ [hot̄j̄i] *n.* taquara. *Ref:* Ferreira, 2004 17/Oct/2005.

hõrõtxi₁ [hõrõt̄j̄i] *n.* coco; coqueiro. *Ref:* Ferreira, 2005. 19/Sep/

H - h

hôhô₁ [hoho] *n.* coruja-do-campo. *Speotyto cunicularia (Molina).* *Ref:* Ferreira, 2004. 05/Oct/2005.

- hõhõ**₁ [hõhõ] *n.* socó. *Ref:* Ferreira, 2005 17/Oct/2005.
- hotxi**₁ [hõtʃi] *n.* taquara. *Ref:* Ferreira, 2004 17/Oct/2005.
- hõrõtxi**₁ [hõrõʃi] *n.* coco; coqueiro. *Ref:* Ferreira, 2005. 19/Sep/2005.
- hurugatutxi**₁ [hurukatutʃi] *n.* gralha can-can (pássaro preto). *Cyanocorax cyanopogon*(Wied). *Ref:* Ferreira,2004. 26/Sep/2005.
- hutu**₁ [hutu] *n.* maruim (pium). *Culicoides*(Latnielle). *Ref:* Ferreira,2004. 17/Oct/2005.
- hututxi**₁ [hututʃi] *n.* mutuca. *Tabanidae*. *Ref:* Ferreira,2004. 17/Oct/2005.
- hwa**₁ [hwa] *n.* galho. *Ref:* Ferreira, 2005 **war wa hwihwa kwã** eu quebrei o galho da árvore 17/Oct/2005.
- hwiritxi**₁ [hwiritʃi] *n.* pacu grande. *Ref:* Ferreira,2004. [Cat: igual à uma piranha] 19/Sep/2005.
- hwàkutàtxi**₁ [ηωΑκυτΑτΣι] *n.* tamanduá de cheiro forte (gambá). *Cyclopes ditactylus* (Linnaeus). *Ref:* Ferreira,2004. *Morf:* **hwakutatʃi**. 17/Oct/2005.
- hwìni**₁ [hwĩni] *n.* piqui. *Ref:* Ferreira, 2005. 19/Sep/2005.
- hwirà**₁ [hwĩrə] *n.* flor. *Ref:* Ferreira,2003. 17/Oct/2005.
- hwàt**₁ [hwatʰ] *n.* preguiça de dois dedos. *Choloepus ditactylus* (Linnaeus). *Ref:* Ferreira,2004. *Morf:* **hwatʰ**. *Bentuk lain:* **wát**. 05/Oct/2005.
- hwàtkatàk-txi**₁ (*dari:* **hw̃tkaĩktxi**) [hwatʰkatak tʃi] *n.* preguiça de três dedos (macaco-preguiça). *Bradypus tridactylus* (Linnaeus). *Ref:* Ferreira,2004. *Bentuk lain:* **wuàt gaykti - wátkatáktxi**. 19/Sep/2005.
- hwàtxi**₁ [hwatʃi] *n.* tamanduá-bandeira. *Myrmecophaga tridactyla* (Linnaeus). *Ref:* Ferreira,2004. *Bentuk lain:* **wátxi**. 17/Aug/2005.
- hwàtxi**₂ [hwatʃi] *n.* rei-congo. *Psarocolius decumanus*. *Ref:* Ferreira,2004. 17/Oct/2005
- hwàty**₁ [hwati] *n.* pulga. *Ref:* Ferreira, 2005. 24/Aug/2005.
- hwity**₁ [hwĩti] *n.* fruto. *Ref:* Ferreira,2003. **kukryti na hwity ku** A anta comeu fruta. 17/Oct/2005.
- hwity**₂ [hwĩti] *n.* manga. *Ref:* Ferreira, 2005 17/Oct/2005.
- hwy**₁ [hwĩ] *n.* urucum. **Ferreira,2003**. 26/Aug/2005.
- hwyndaj**₁ [hwindaj] *n.* micróbio. *Ref:* Ferreira,2005. *Morf:* **hwindaj**. 17/Oct/2005.
- hwyndij**₁ [hwindĩj] *n.* berne. *Dermatobia hominis*(Linnaeus). *Ref:* Ferreira,2004. 17/Oct/2005.
- hwyty**₁ [hwiti] *n.* pulga. *Ref:* Ferreira,2004. 17/Oct/2005.
- hwyty**₂ [hwiti] *n.* semente de urucum. *Ref:* Ferreira,2003.

K - k

- kahrãm-ghre**₁ (*dari:* **kahrãm-ghre**) [kahrãm g^hrɛ] *n.* ovo de tracajá. *Ref:* Ferreira, 2005. 17/Oct/2005.
- kahrãmhotxi**₁ [kahrãmhotʃi] *n.* tartaruga. *Podocnemis expansa*(Schweiger). *Ref:* Ferreira,2004. 17/Oct/2005.
- kahrãmxti**₁ [kahramtʃi] *n.* tracajá. *Podocnemis infilis*(Troschel). *Ref:* Ferreira,2004. 19/Sep/2005.
- kambrikgatàktxi**₁ [kambrikʰgatakʃi] *n.* socó-boi. *Tigrisoma lineatum*. *Morf:*

kambrik¹gataktfi. 23/Sep/2005.

W - w

wà₃ [wa] *n.* tamanduá. *Tamandua tetradactyla*. Ref: Ferreira, 2004. Morf: wa. 19/Sep/2005.

wewe₁ [wewɛ] *n.* borboleta. *Rhopalocera*. Ref: Ferreira, 2004. 27/Aug/2005

wiri₁ [wiri] *n.* sapo. *Bufo marinus (Linnaeus)*. Ref: Ferreira, 2004 27/Aug/2005.

wiritxi₁ [wiritʃi] *n.* pacuzinho. Ref: Ferreira, 2004. 27/Aug/2005.

wàtyty₁ [watiti] *n.* piaba-comprida. Ref: Ferreira, 2004. 18/Oct/2005.

wyty₁ [witi] *n.* milho. Ref: Ferreira, 2004 18/Oct/2005.

Tapajúna-Português: 351

Notas

¹ Censo realizado pela profa. Dra. Marília Ferreira com o auxílio dos tapajúna, no ano de 2004, durante sua pesquisa de campo na aldeia Mëtykytíre onde eles vivem.

² Sua coleta foi-me cedida gentilmente, para que eu pudesse realizar estes estudos, as coletas de material lingüístico realizada por FERREIRA ocorreram em momentos distintos, no período entre os anos de 2003a 2005.

³ FERREIRA, Vitória Regina Spanghero. Estudo Lexical da língua Matis – subsídios para um dicionário bilíngüe/ Vitória Regina Spanghero Ferreira. – Campinas – SP: [s.n.], 2005.

⁴ DAPENA, José-Alvaro Porto. Manual de Técnica Lexicográfica. Ed. Arco/ Libros, S. L., 2002.

⁵ G. Matoré, *La methode em Lexicologie*, Paris, 1953, pág. 88.

⁶ J. A. Clas y Polguère, *Introduction à la lexicologie explicative et combinatoire*, Éditions Duculot, Louvain-la-Neuve, 1995, págs, 26-27.

⁷ O “caráter abstrato” e “obra concreta tradicional”, segundo Polguère (1995), referem-se, primeiramente, aos estudos teóricos paradigmáticos do conceito geral do léxico, bem como suas características, classificações, etc. Já a segunda definição denota um estudo particular de um determinado léxico de uma determinada língua que se está estudando com o intuito de confeccionar uma obra lexicográfica (um dicionário).

⁸ CRYSTAL, David. Dicionário de lingüística e fonética/ David Crystal; tradução de adaptação [da 2ª ed. Inglesa rev. e ampliada, publicada em 1985], Maria Carmelita Pádua Dias. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. Pgs. 202-203.

⁹ BORBA, Francisco da Silva. Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

¹⁰ CRYSTAL, David. Dicionário de lingüística e fonética/ David Crystal; tradução de adaptação [da 2ª ed. Inglesa rev. e ampliada, publicada em 1985], Maria Carmelita Pádua Dias. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000. Pgs. 140-141.

¹¹ Algumas das informações para que esses itens serem considerados como homônimos seriam: os dois primeiros representarem animais com características distintas e os dois últimos fazerem parte de classes gramaticais diferentes, pois o primeiro refere-se a um nome enquanto que o segundo a um verbo.

¹² Censo realizado por FERREIRA em 2004.

8. Referências Bibliográficas

-
- GREIMAS, A. J. y COURTES, J. *Semiótica. Diccionario razonado de la teoría del lenguaje*, Gredos, Madrid, 1969.
- BADARIOTTI, Nicolas. *Exploração no norte do Mato Grosso, região do Alto Paraguay e planalto dos Parecis. Apontamentos de História Natural. Ethnographia e impressões pelo padre... salesiano. SP. 1898.*
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria Lingüística. Teoria Lexical e Lingüística Computacional.. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. v. 1. 261 p.*
- BIERWISCH, M., SCHREUDER, R. *From concepts to lexical items..Cngnition (1992).*
- BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia.* São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- BOSSI, Bartolomé. *Viaje pintoresco por los rios Paraná, Paraguay, Sn. Lorenzo, Cuyabá y el Arino tributário Del grande Amazonas, cõn la description de la província de Mato Grosso bajo su aspecto físico, geográfico, mineraloyco y sus producciones naturales.* Paris. 1863.
- CRYSTAL, David. *Dicionário de lingüística e fonética.* – tradução e adaptação [da 2ª ed. Inglesa ver. E ampliada, publicada em 1985], Maria Carmelita Pádua Dias. – Rio de Janeiro: José Zahar Ed. 2000.
- DAPENA, José-Alvaro Porto. *Manual de Técnica Lexicográfica.* Ed. Arco/ Libros, S. L., 2002.
- HAENSCH, G. *Los diccionarios del español em el umbral del siglo XX*, Univ. de Salamanca, 1997, pág. 29.
- MOUNIN G., *Diccionario de Lingüística*, Labor, Barcelona, Lexicografia, Lexicologia. 1979 s.v.
- CLAS J. A. y POLGUÈRE, *Introducción à la lexicologie explicative et combinatoire*, Éditions Duculot, Louvain-la-Neuve, 1995, págs, 26-27.
- FERREIRA, Vitória Regina Spanghero. *Estudo léxical da língua Matis – subsídios para um dicionário bilíngüe.* Campinas, SP [s.n.], 2005.
- PEREIRA, Adalberto Holanda. “A pacificação dos Tapayunas”. In: *Revista de Antropologia*. Vol. 15-16\SP. (1967\1968).
- ULLMANN, S. *Semântica. Introducción a la ciencia del significado*, Madrid, 1965.
- STEINER, Karl von den. *Entre os aborígenes do Brasil Central.* Departamento de Cultura. SP. 1940.
- SEEGER, Anthony. *Os índios e nós: estudos sobre sociedades tribais brasileiras.* Ed. Campus. RJ. 1980.
- Coletânea de Textos dos Povos Tapajúna, Panará e Membegôkre.